

# O caráter amador na produção de imagens jornalísticas em tempos de convergência

**Resumo:** A proposta deste artigo é refletir sobre os processos de produção e circulação da imagem jornalística em um contexto de convergência midiática, especificamente sobre o caráter “amador” e “profissional” na produção dessas imagens. Busca-se discutir sobre o que, de fato, possibilita a distinção entre o profissional de jornalismo, imerso em transformações em suas rotinas de trabalho, e o repórter cidadão que participa dos noticiários enviando suas imagens amadoras. Autores como Traquina, Wolf, Palácios e Silva constituem o arcabouço teórico-metodológico da investigação, que se situa nos estudos do *Newsmaking* para a análise de forma e linguagem de três vídeos veiculados jornalisticamente no Paraná. A pesquisa se depara com um cenário em que o amador se apropria de técnicas jornalísticas e os profissionais enfrentam a precarização das condições de trabalho, o que aproxima cada vez mais a qualidade das imagens que circulam, tanto no aspecto técnico como no estético.

**Palavras-chave:** Imagens jornalísticas. Convergência midiática. *Newsmaking*.



Mônica Panis Kaseker<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Jornalista, doutora em Sociologia pela UFPR/UAM-X, professora de Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina.

## El carácter amador en la producción de imágenes periodísticas en tiempos de convergencia

**Resumen:** La propuesta de este artículo es reflexionar sobre los procesos de producción y circulación de la imagen periodística en un contexto de convergencia mediática, específicamente sobre el carácter “aficionado” y “profesional” de la producción de imágenes. Se busca discutir sobre lo que de hecho posibilita la distinción entre el profesional de periodismo, inmerso en transformaciones en sus rutinas de trabajo, y el reportero ciudadano que participa de los noticieros enviando sus imágenes. Autores como Traquina, Wolf, Palacios e Silva constituyen el marco teórico-metodológico de la investigación, que se sitúa en los estudios del *Newsmaking*. Se analizan aspectos de formato y lenguaje de tres videos presentados por el periodismo en el estado del Paraná. La investigación encuentra un escenario en el que el aficionado se apropia de técnicas periodísticas y los profesionales

enfrentan la precarización de las condiciones de trabajo, lo que hace con que las imágenes que circulan tengan calidad muy semejante, tanto en el aspecto técnico cuanto estético.

**Palabras clave:** Imágenes periodísticas. Convergencia mediática. Newsmaking.

## **The amateur character in the production of journalistic images in the era of convergence**

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the processes of production and circulation of journalistic images in a context of media convergence, specifically on their “amateur” and “professional” authorship. What kind of distinction could be found between the professional journalism, immersed in transformations in their work routines, and the citizen reporter, who participates in the news programs sending their images? Authors such as Traquina, Wolf, Palácios and Silva constitute the theoretical-methodological framework of this investigation. The methodology includes the analysis of three videos presented in Paraná State. The research presents a context where the amateur use journalistic techniques while the professionals are in precarious working conditions. Furthermore, the quality of the images circulating is very similar, both in technical and aesthetic aspects.

**Keywords:** Journalistic images. Media convergence. Newsmaking.

### **1. Introdução**

Desde a consolidação comercial da internet, em meados dos anos 1990, o jornalismo tem passado por uma série de transformações em seus processos de produção e circulação de conteúdo. Transformações essas que abrangem sua lógica de funcionamento, bem como o surgimento de novos formatos de produtos noticiosos, papéis profissionais e reconfiguração de relações entre os atores envolvidos. O jornalismo digital tem características próprias, como descreve Palácios (2014): multimidialidade, interatividade, hipertextualidade, customização/personalização, memória e instantaneidade/atualização contínua. Essas características foram se desenvolvendo em fases, de acordo com alguns autores como Mielniczuk (2012) e Machado (2005).

O webjornalismo de primeira geração ocorreu inicialmente com a simples transposição dos conteúdos impressos para a internet. Somente se desenvolveu com uma linguagem própria em um segundo momento e a incorporação de materiais multimídia e da disseminação em rede se deu apenas em sua terceira geração. Numa quarta etapa, apropriou-se das

ferramentas de bases de dados como recursos de apuração, até chegar ao momento atual, em que a portabilidade, a mobilidade, a tatilidade e as novas formas de interagir se somam às características anteriores.

A internet acelerou o fenômeno chamado convergência que, para Jenkins (2009), se dá em cinco âmbitos: tecnológico, econômico, social, cultural e global. Salaverría e Avilés, por sua vez, analisam a convergência jornalística como

um processo multidimensional que, beneficiada pela implementação generalizada de tecnologias digitais de telecomunicações, afeta ao âmbito tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente separadas (2008, p. 20).

Essa definição envolve a produção de conteúdo multiplataforma, a colaboração intermediática dentro da prática jornalística e a criação de novos modelos de negócios que possam atender às demandas das audiências. Essas diferentes dimensões da convergência se articulam, portanto, diante da tendência de convergência de conteúdos para jornais impressos, portais noticiosos, emissoras de rádio e TV. Muitos grupos de comunicação estão implantando redações integradas e reaproveitando materiais produzidos por equipes multitarefas.

Entre os fatores que causam transformações nesse contexto, destaca-se o uso cada vez mais crescente dos dispositivos móveis, como tablets e celulares, para a produção, tratamento e circulação das imagens jornalísticas. Para Silva, o conceito de jornalismo móvel digital

compreende o trabalho do repórter em campo exercendo atividades potenciais de apuração, produção, edição, distribuição e compartilhamento de conteúdos ou transmissão ao vivo em condições de mobilidade (física e informacional). (SILVA, 2013, p. 101).

Esse contexto é importante para situar as questões centrais desta pesquisa, especialmente no recorte proposto neste artigo, que é o de refletir sobre o caráter amador na produção de imagens jornalísticas na atualidade. A questão é pertinente, visto que a distinção entre a produção do profissional de jornalismo, imerso em transformações em suas rotinas de trabalho, e a do repórter cidadão, que participa dos noticiários enviando suas imagens amadoras, é, em muitos casos, imperceptível.

Neste artigo, apresenta-se a análise de forma e linguagem de três vídeos: o primeiro produzido por um telespectador e veiculado no Paraná TV 1ª edição, da RPC TV; os outros dois produzidos por jornalistas e postados no Facebook do Paraná Portal e da Gazeta do Povo, respectivamente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e os vídeos foram

selecionados por ilustrarem questões pertinentes à problemática proposta. Foram adotadas as seguintes categorias de análise: texto para audiovisual, teor informativo, tempo e timing da narrativa, enquadramento, movimentos e posição de câmera, iluminação, desenvoltura e desempenho do narrador. Essas categorias se baseiam em métodos de análise de produções audiovisuais. Como nos lembra Maingueneau:

A comunicação não é, com efeito, um processo linear: inicialmente uma necessidade de se exprimir por parte do enunciador; a seguir, a concepção de um sentido; depois, a escolha de um suporte e de um gênero; posteriormente, a redação; a seguir, a busca de um modo de difusão; finalmente, o hipotético encontro com um destinatário. Na realidade, é necessário partir de um dispositivo comunicacional que integre logo de saída o medium. O modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero de discurso. (2002, p. 72).

## 2. O repórter-cidadão

A participação do público como repórter-cidadão nos telejornais tornou-se tão frequente e crescente que, na edição do Jornal Nacional de 21 de dezembro de 2017, o âncora William Bonner deu instruções aos telespectadores sobre como produzir as imagens que são enviadas para o telejornal. O jornalista fez isso logo após a exibição de uma reportagem que apresentou imagens gravadas com um *smartphone* e recomendou que as imagens sejam sempre captadas na posição horizontal, que é melhor aproveitada na televisão.

**Figura 1** – William Bonner em tutorial durante o Jornal Nacional



Fonte: Reprodução/Globo

Depois disso, em outras edições do Jornal Nacional e de outros telejornais da emissora, as orientações se repetiram sobre como fazer as filmagens, reforçando o convite para que os telespectadores participem dos programas como repórteres-cidadãos.

Neste artigo, apresenta-se a análise de três vídeos a título de ilustração do que se pretende discutir e analisar em relação às características técnicas e estéticas das imagens jornalísticas. No primeiro, com um celular nas mãos, um homem aponta para um cruzamento perigoso:

*Eu estou aqui na esquina da Saldanha Marinho com a Capitão Souza Franco. Mais um acidente. Já foi solicitado à prefeitura da cidade algum tipo de sinalização, algum tipo de identificação. Você está vendo aqui que até o próprio triângulo já foi atropelado de novo devido à velocidade com que os carros vêm descendo a Capitão Souza Franco. Não há nenhum tipo de sinalização no chão, ou tartarugas, ou informações para que haja um pare. E aqui a gente teve um acidente com mais uma colisão. Eu tô aqui em frente ao Hemobanco. Inclusive a gente já teve acidentes em que tiveram que refazer o muro. Por isso este muro está refeito, porque já bateu carro aqui (conta mostrando o muro com cimento mais claro). E não são acidentes leves porque a gente tem uma velocidade muito alta nessa avenida Capitão Souza Franco. Esse aqui é o resultado de hoje (fala mostrando o carro amassado) Já fizemos contato com a prefeitura, já solicitamos algum tipo de cuidado quanto a isso. Ó, eles estão atropelando o triângulo (mostrando os carros passando por cima do triângulo). Porque já foi ligado para o 156 e ainda assim ninguém veio nos atender. Então fica mais uma vez o pedido para a prefeitura de Curitiba que conserte isso. Nós somos uma instituição que presa pela saúde, mas a gente não pode estar correndo o risco de nossos próprios doadores acabem tendo algum tipo de problema aqui na frente. (RPC, 2015).*

Com pequenos ajustes, essa fala poderia ser a de um repórter de televisão utilizando a técnica do plano sequência, em que o jornalista fala enquanto movimenta a câmera mostrando imagens que complementam e oferecem suporte ao texto. No entanto, trata-se da participação de um telespectador em um telejornal local da capital paranaense, pedindo para que fosse instalada sinalização numa esquina do bairro onde trabalha. O que chama a atenção neste episódio é a desenvoltura do cidadão no uso do equipamento e também a forma como ele reproduz o estilo e a linguagem jornalística de TV.

<sup>2</sup> Amostra, chamada para acompanhar a cobertura completa.

**Figura 2** – Participação de repórter cidadão no Paraná TV 1ª edição



Fonte: RPC, 2015.

A participação do público como produtor e disseminador de imagens jornalísticas é cada vez mais frequente nesse cenário de convergência e mobilidade. Como ressalta Zago, essa mudança no comportamento das audiências envolve a superação das barreiras cognitivas e tecnológicas de acesso às ferramentas de produção. Com isso, o público pode “trazer contribuições ao processo jornalístico ao incluir camadas de significação ao acontecimento jornalístico, combinando elementos para informar, criticar, e até para produzir humor a partir de uma notícia” (ZAGO, 2013, p. 2).

A participação na cultura da convergência pressupõe um certo tipo de letramento, segundo Jenkins: “não deveríamos supor que alguém seja letrado para as mídias porque sabe consumir, mas não se expressar” (JENKINS, 2009, p. 237) Assim, o cidadão que participa de um telejornal não somente desenvolve a capacidade de usar o dispositivo para gravação, como elabora uma fala adequada ao estilo do telejornal, mas antes de tudo tem a habilidade de avaliar o que é notícia, o que interessa à comunidade. Jenkins utiliza o termo cidadão monitor, de Shudson, ao referir-se a este sujeito: “cidadão monitor envolve-se mais com a vigilância do ambiente do que com a acumulação de informação [...], não é um cidadão ausente, mas observador, mesmo quando está ocupado com outras coisas” (SHUDSON, 1998 apud JENKINS, 2009, p. 307). Um sujeito que está aprendendo a compartilhar, distribuir, confiar, avaliar, contestar e agir sobre o conhecimento coletivo como parte de seu lazer.

A participação do público na mídia pode ser considerada como um exercício de cidadania, além de ter o sentido de existência social

e pertencimento. Segundo Winocur, os espaços de visibilidade nos meios de comunicação substituem a participação política em locais públicos (WINOCUR, 2002, p. 15):

como esfera pública en las nuevas condiciones de globalización y desterritorialización de la cultura y la información, no en el sentido de una esfera única, homogénea y separada de Estado o de la vida privada, sino, por el contrario, en la fragmentación de múltiples espacios de concepción diversa y heterogénea [...] volviendo difícil la tarea de precisar los límites o definir los rasgos de cada uno, porque su naturaleza es cambiante, y mirados desde ciertos ángulos pueden considerarse públicos, y desde otros privados. (WINOCUR, 2002, p. 97).

Primo e Träsel destacam algumas iniciativas no Brasil, como a da Agência Estado, que criou o espaço Foto Repórter para publicar imagens de fotógrafos amadores, geralmente feitas com câmeras digitais e celulares. No caso de as fotos enviadas pelo público serem vendidas a outros veículos ou publicadas nos jornais do grupo, o fotógrafo amador é pago pelo trabalho. Os autores lembram que as empresas jornalísticas conseguiram, desta forma, pulverizar sua captação de imagens e informações. Em casos históricos como o do ataque às torres gêmeas, em 11 de setembro de 2001, do tsunami no sudeste asiático, em dezembro de 2004, e das explosões no metrô de Londres, em julho de 2005, imagens de amadores foram amplamente utilizadas na cobertura (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 4).

### 3. O profissional de jornalismo

A convergência midiática e o uso mais frequente dos dispositivos móveis conectados à internet colocam em jogo muitos parâmetros até então vigentes no jornalismo. É possível observar que muitos jornalistas, em suas experiências exploratórias no uso do celular como ferramenta complementar de trabalho, aventuram-se em enquadramentos inusitados, precariedade de iluminação e, vez ou outra, em um desempenho atrapalhado no vídeo. Jornalistas que atuavam originalmente em meios impressos, passaram a fazer *teasers*<sup>2</sup> de sua reportagem para divulgação em redes sociais ou mesmo no site do jornal, antes da publicação final do material. Em outros casos, jornalistas *freelancers* e blogueiros arriscam-se em novas linguagens e formatos de produção. É momento de experimentar e, com isso, a fronteira entre a produção amadora e a profissional pode tornar-se tênue.

O desafio aqui seria questionar quais elementos podem distinguir o jornalista como um profissional. Para Weber, profissional

é aquele indivíduo que detém qualificações técnicas, conhecimento ou instrução racional e “assume a direção técnica na preparação do procedimento e a execução dos meios de produção” (WEBER, 1971, p. 20). O profissional, para Weber, é um *expert* ou perito com formação especializada, remetendo às noções de competência, integridade, conduta ética, qualificação, hierarquia, poder, prestígio, renda, posição social, privilégios.

Nesse sentido, cabe ao jornalista profissional ser fiel a uma série de valores e normas. Segundo Traquina (2005, p. 130-143), o *ethos* jornalístico implica na luta pela liberdade e democracia, com independência e autonomia, e na busca pela verdade com objetividade. Essa objetividade não seria a negação da subjetividade, mas uma espécie de ritual estratégico para assegurar sua credibilidade. Ouvir diversos lados da questão, apresentar provas auxiliares e estruturar as informações em ordem adequada e com precisão compõem esse ritual.

Apesar de todas as críticas à objetividade, o jornalismo moderno está indiscutivelmente associado a uma noção de equidistância entre o profissional do campo jornalístico e os diversos agentes sociais, atuando com justiça, ouvindo diversas perspectivas, mantendo sua independência. (TRAQUINA, 2005, p. 143).

Para Traquina, a definição da postura profissional do campo jornalístico não é de exclusiva responsabilidade dos “agentes especializados”, pois estes são influenciados pela sociedade. Wolf constata que o *Newsmaking*, processo a partir do qual se definem os critérios de importância e noticiabilidade, articula-se, especialmente, entre a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos (WOLF, 2002, p. 188). Nesse sentido, podemos concluir que a alteração nas rotinas produtivas causadas pelas mudanças trazidas pela internet, convergência midiática e dispositivos móveis também têm modificado os critérios de noticiabilidade.

Outro aspecto a ser considerado é que, do profissional de jornalismo, inserido em um contexto de mobilidade e convergência midiática, exigem-se novas habilidades e competências, especialmente no que se refere à flexibilidade e capacidade de se adaptar rapidamente à mudanças, dominar diferentes meios, linguagens e plataformas (HAYASAKI; CUBERES; CASELLAS, 2016). Assim, de um jornalista especializado na produção de textos escritos ou materiais sonoros, espera-se que também possa produzir e editar fotos e vídeos, manejar redes sociais e ainda atuar na divulgação de suas reportagens.

No Brasil, veículos da chamada mídia tradicional têm algumas experiências já analisadas por autores como Fernando Firmino da Silva que, em sua tese, realizou estudos de caso em três publicações

online: Extra Online, JC Online e A Tarde Online, observando as rotinas de produção dentro das redações através dos fluxos de produção internos e, em campo, com os repórteres em ação, além da realização de entrevistas com repórteres, editores e diretores dos três casos (SILVA, 2013). Para Silva, a tríade mobilidade-portabilidade-ubiquidade rompe com os padrões de rotina tradicionais da produção noticiosa, pois há um acúmulo de funções agregadas e o trabalho é direcionado geralmente para mais de uma plataforma midiática. Com isso, ao mesmo tempo em que se apuram e registram os dados, com fotos, vídeos e áudios, editam os conteúdos nos dispositivos e enviam os materiais diretamente do local.

Como caracterizamos no Extra Online, A Tarde Online e JC Online os repórteres visualizam o trabalho móvel em dois desdobramentos centrais: por um lado como possibilidade de potencialização da produção jornalística de forma a oferecer uma “velocidade” ao processo com melhoramento na elaboração do produto (a notícia); e, por outro lado, como precarização das condições de trabalho pela ampliação das funções rotinizadas na jornada de trabalho. (SILVA, 2013, p. 317).

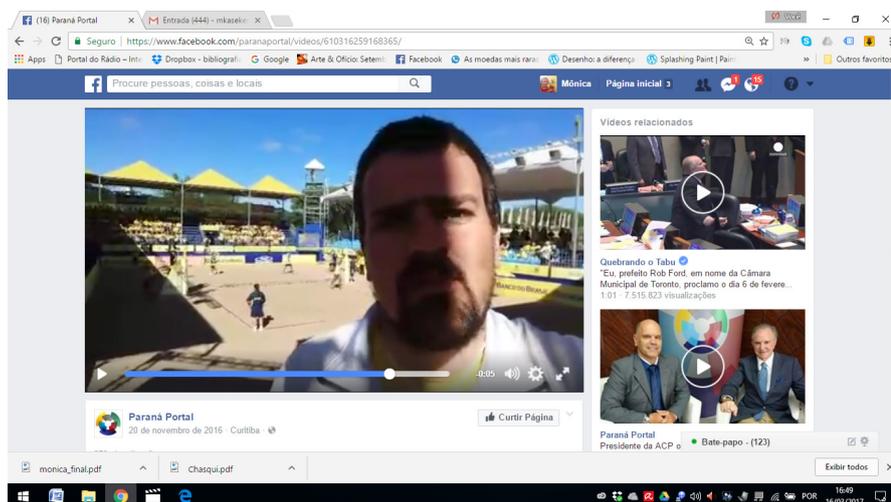
De acordo com Silva (2013), podemos destacar três níveis de mudanças. O primeiro deles está relacionado ao aceleração da produção e à atualização constante das plataformas, o que faz com que os valores notícia “velocidade” e “tempo real” se sobreponham a outros valores substantivos da notícia. Com a mobilidade, aumenta a capacidade de relatar o noticiário de forma descentralizada e instantânea. Os processos de apuração e edição, com as facilidades de registro e captura, também se aceleram. Isso confirma que a velocidade na produção e distribuição de notícias alterou os critérios de noticiabilidade na produção jornalística (SILVA, 2013).

Os critérios de noticiabilidade e os valores notícia, segundo Wolf (2002), se dão em pacotes articulados para desenvolver práticas estáveis nas rotinas de trabalho. Assim, a decisão sobre o que vai ou não ser noticiado se refere às características substantivas das notícias, ou seu conteúdo, à disponibilidade do material e critérios relativos ao produto informativo e à concorrência. Nos importa, em especial, neste artigo, pensar nos critérios relativos ao produto e ao meio de comunicação em que será veiculado, o que coloca em cheque os padrões técnicos mínimos do material para sua veiculação. No caso de uma emissora de televisão, um vídeo jornalístico tradicionalmente segue padrões de enquadramento, iluminação, movimentos de câmera, planos e técnicas de locução e apresentação da história. Têm mais valor notícia as histórias mais ricas em “boas” imagens, por exemplo. Numa fase exploratória da pesquisa, observamos que esses padrões não são

necessariamente seguidos em publicações jornalísticas audiovisuais nas redes sociais.

Na figura 3, podemos observar o frame de um vídeo, postado no Paraná Portal, de uma transmissão ao vivo no Facebook utilizando um pau de *selfie*. O repórter enquadrou a si mesmo, tentando mostrar a quadra ao fundo, para falar sobre as finais da Etapa Paraná do Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia. Contra o sol e com uma sombra cobrindo parcialmente seu rosto, ele fez uma chamada para a cobertura completa a ser publicada posteriormente no site. Também há problemas de áudio ao longo do vídeo. Além disso, como o repórter não incluiu seu nome em sua fala e não houve o uso de caracteres, ele acabou não sendo identificado.

**Figura 3** – Teaser da cobertura do Circuito Brasileiro de Vôlei de praia



Fonte: Paraná Portal, 2017.

Esses problemas técnicos e estéticos em vídeos jornalísticos postados na internet são comuns, especialmente quando se trata de equipes de jornais impressos ou emissoras de rádio. Ao analisar o caso da redação integrada no Jornal Zero Hora, Seibt (2014) observa que os jornalistas passam a ter uma sobrecarga de atividades e uma suposta autonomia na produção, edição e divulgação de seu trabalho. Como se todos os jornalistas pudessem se converter em ciberjornalistas de forma automática, sem prejuízos às produções. “A sensação que fica a essa ‘negligência’ com os produtos multimídia ao publicar os conteúdos na internet é que, em muitos casos, ela está relacionada às condições de trabalho dos profissionais.” (SEIBT, 2014, p. 111).

Situação semelhante foi encontrada na atuação hipermediática da Rádio Gaúcha. Ao expandirem seus conteúdos na internet, a equipe utiliza vídeos e fotos adicionais às reportagens sonoras. Para Rossetto e Ferraretto (2016), o resultado também apresenta limitações técnicas:

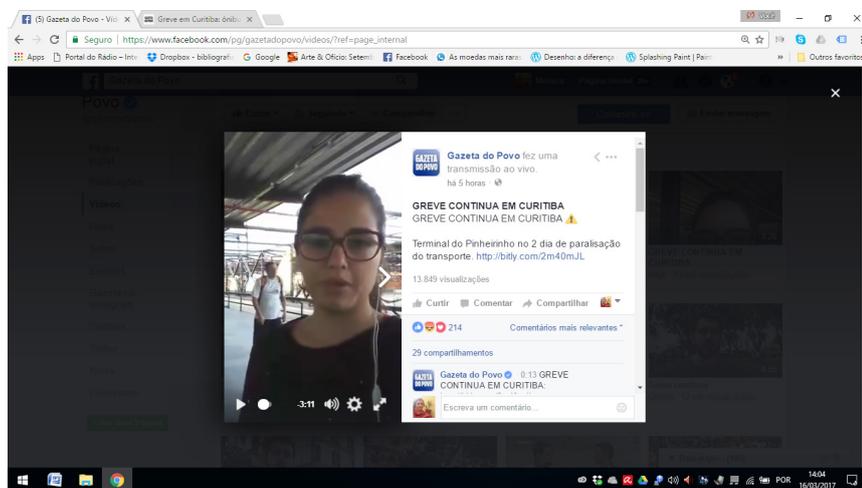
Quando se fala na linguagem audiovisual, constata-se que, na Rádio Gaúcha, ainda há falta de conhecimento para explorar os recursos técnicos necessários para produzir conteúdo dentro dos padrões de uma narrativa que, tecnicamente, se aproxima do televisivo. Talvez, pode-se aventar, seja uma saída assumir as limitações do equipamento de captação, aplicando a isto um mínimo de conhecimento sobre vídeo. Em outras palavras, procurar um melhor enquadramento, usar mais racionalmente a luz disponível e mesmo usar microfones associados ao celular. Estes últimos, já disponíveis no mercado e de custo razoável, eliminariam a necessidade de uma proximidade excessiva que, como constatado, afeta foco e enquadramento. São medidas simples que dependem, nestes tempos iniciais de apropriação do vídeo pelo radiofônico, de uma reflexão mais aprofundada a respeito do uso dos elementos da linguagem audiovisual. (2016, p. 14).

Ao produzirem e postarem seus vídeos na internet, repórteres de jornais impressos, rádios e até mesmo de sites noticiosos podem argumentar que não estão fazendo televisão, como foi o caso da equipe da Rádio Gaúcha. Alguns autores, no entanto, defendem um novo uso para o termo telejornalismo, não como jornalismo para televisão, mas sim como um jornalismo para as telas. Seria, portanto, “um nome mais genérico para designar superfície (quadro, material reflexivo) para a projeção (frontal ou traseira) de imagens” (EMERIM; FINGER; CAVENAGHI, 2015, p. 3).

No que se refere às produções jornalísticas audiovisuais, a convergência midiática tem gerado um diálogo entre as linguagens da televisão e da internet. Costa (2016) observa que, tradicionalmente, no cinema e na TV, as produções audiovisuais são horizontais. No entanto, com a popularização dos *smartphones*, *tablets* e aplicativos, como *Snapchat* e *Periscope*, elas têm sido feitas no sentido vertical. “Entre os produtores de conteúdo, ainda há muito preconceito com este formato, caracterizado muitas vezes como amador”, ressalta o autor. Ele também explica que, embora o formato vertical pareça inadequado para ser visto em notebooks, desktops ou aparelhos de televisão, novos modos de consumo estão surgindo, como os dispositivos móveis (COSTA, 2016, p. 2).

Um dos vídeos postados pelo jornal Gazeta do Povo no Facebook (Figura 4) ilustra essa condição. A repórter da Gazeta do Povo fez um boletim ao vivo sobre uma greve de ônibus em Curitiba e utilizou o posicionamento vertical. Observa-se que não há necessariamente um padrão para as postagens da Gazeta em relação a isso, às vezes os vídeos são gravados na horizontal e, em outras, na vertical.

Figura 4 – Greve continua em Curitiba



Fonte: Gazeta do Povo, 2017.

O vídeo é longo para os padrões de produção audiovisual, até mesmo para a internet, traz pouca informação visual e é repetitivo nas falas. Em 3 minutos e 18 segundos de duração, com um pau de *selfie*, a repórter mostra o terminal vazio por causa da greve, faz movimentos irregulares e a imagem treme em grande parte do tempo. Nesse vídeo, também não houve a identificação da repórter.

#### 4. Considerações finais

Os vídeos enviados pelo público às emissoras de televisão e postados por repórteres nas redes sociais observados neste trabalho apresentam similaridades em aspectos técnicos e estéticos. Enquanto o público aprimora suas habilidades e competências comunicativas, utilizando dispositivos móveis conectados à internet para participar da programação jornalística, os profissionais de jornais impressos e emissoras de rádio parecem ignorar os referenciais técnicos e estéticos do jornalismo audiovisual. Este artigo não trata propriamente sobre o jornalismo colaborativo, mas sobre como a fronteira entre a produção amadora e a profissional tornou-se tênue em alguns casos, em especial nas redes sociais.

Para os amadores, a visibilidade na mídia pode representar uma expressão de cidadania e, como consumidores do jornalismo, apropriam-se de sua linguagem e estilo, além de desenvolverem o senso de noticiabilidade. Circulando pelas ruas, vivenciando o cotidiano urbano, tornam-se muitas vezes olhos das emissoras de TV.

Por outro lado, as rotinas produtivas de notícias tornaram-se mais complexas. Os profissionais que atuam em jornais impressos,

rádios e sites noticiosos acabam fazendo incursões audiovisuais, especialmente nas redes sociais. Mais do que informar ou veicular materiais técnica e esteticamente bem construídos, observa-se que essas postagens têm o objetivo principal de marcar presença. Essas participações, em seu conjunto, não parecem ter uma política institucional ou planejamento, passam uma ideia de experimentação, o que pode ser foco de aprofundamento na continuidade desta pesquisa. Em certa medida, os vídeos dos profissionais têm o mesmo sentido das participações dos amadores na mídia, o de afirmação de existência social nas redes. Como nos lembra Maingueneau (2002, p. 72), “muitas mutações sociais se manifestam por meio de um simples deslocamento ‘midiológico’”.

## Referências

COSTA, Luciano; BRASIL, Antonio. Imagens verticais no telejornalismo. *In: XVII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL*, 2016. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Intercom, 2016. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-1164-1.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2017.

EMERIM, C.; FINGER, C.; CAVENAGHI, B. Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo. 13º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2015. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: UFSM, 2015. Disponível em: <http://www.ciberjor.ufms.br/sbpjor2015/anais/>. Acesso em: 17 mar. 2017.

GAZETA DO POVO. **Greve continua em Curitiba**. Postado em 16 mar. 2017. Disponível em <https://www.facebook.com/gazetadopovo/videos/10156434999704572/>. Acesso em: 17 mar. 2017.

HAYASAKI, P. M.; CUBERES, C. R.; CASELLAS, C. S.; Nuevos perfiles profesionales y competencias en el ámbito periodístico: revisión de la literatura y entrevistas a profesionales en España. **Brazilian Journalism Research**, v. 12, n. 3, 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. 2012. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate**. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/02/palacios-marcos-informacao-memoria.pdf> . Acesso em: 12 out. 2014.

PARANÁ PORTAL. **Domingo esportivo na capital paranaense**. Postado em 20 nov. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/paranaportal/videos/610316259168365/>. Acesso em: 16 mar. 2017.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **UNIREvista**, v. 1, n. 3, jul. 2006. Disponível em: <http://www.unirevistas.unisinos.br>. Acesso em: 10 jun. 2010.

RPC. **Cruzamento no centro de Curitiba é cenário constante de acidentes**. Postado em 1 abr. 2015. Disponível em <http://g1.globo.com/pr/parana/videos/v/cruzamento-no-centro-de-curitiba-e-cenario-constante-de-acidentes-de-transito/4078556/>. Acesso em: 16 mar. 2017.

ROSSETTO, Andrei; FERRARETTO, Luiz Artur. Particularidades do uso de vídeos na grande reportagem radiofônica: uma análise da série os desafios do emprego na crise, da Gaúcha, de Porto Alegre. *In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2016, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1332-1.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2017.

SALAVERRÍA, Ramón; AVILÉS, José Alberto García. La convergencia tecnológica em los medios de comunicación: retos para el periodismo. **Trípodos**, n. 23, Barcelona, 2008.

SEIBT, Taís. **Redação integrada: a experiência do jornal Zero Hora no processo de convergência jornalística**. 2014. Tese (Programa de Pós-graduação em Comunicação) – Unisinos, São Leopoldo (RS), 2014. Disponível em <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4276>. Acesso em 01 mar. 2017.

SILVA, Fernando Firmino da Silva. **Jornalismo móvel digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção**

da reportagem de campo. 2013. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

WEBER, Max. Os fundamentos da organização burocrática: uma construção de tipo ideal. *In*: CAMPOS, Edmundo (org.). **Sociologia da burocracia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p. 15-27.

WINOCUR, Rosalía. **Ciudadanos mediáticos**: la construcción de lo público en la radio. Barcelona: Gedisa, 2002.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2002.

ZAGO, Gabriela da Silva. A recirculação do acontecimento jornalístico em imagens remixadas: cibercultura e apropriações. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 85, jul. 2013.

**Avaliadores:**

Ana Paula Rosa

Paulo Silva Lins Cajazeira

RECEBIDO EM: 13/05/2019    ACEITO EM: 29/05/2019